

Diálogo entrecortado entre
GUILHERME de FARIA & AFONSO LOPES VIEIRA
por Cristina Nobre

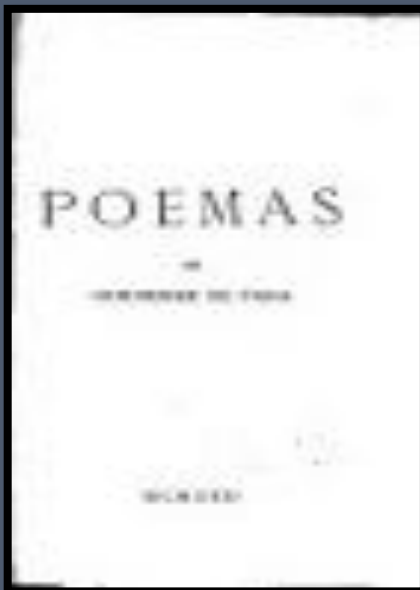


Colóquio POST-SCRIPTUM
VIDA E OBRA DE GUILHERME DE FARIA



Sábado, 4 de janeiro de 2014
Universidade Católica Portuguesa | Centro Regional do Porto

Admiração mútua e dedicatórias



D-4-1-2

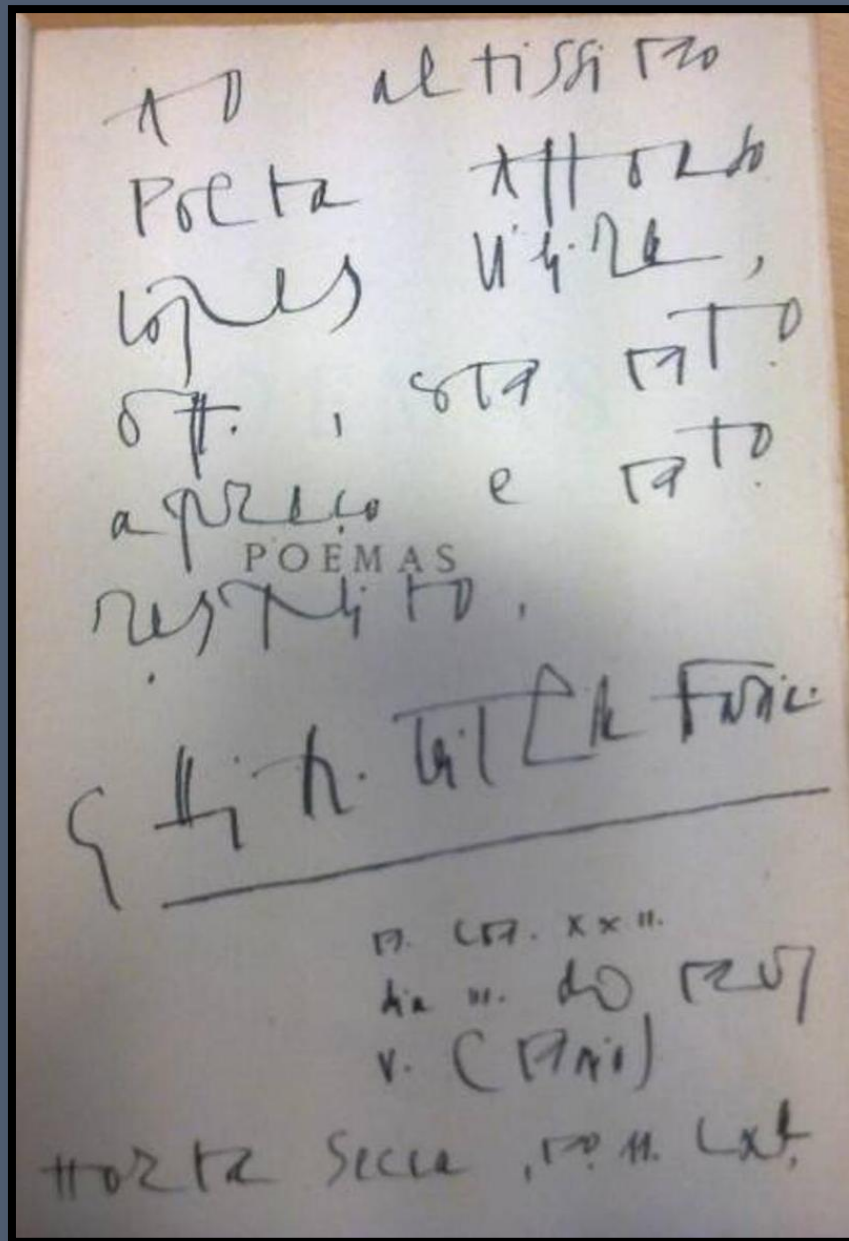
POEMAS, Abril de 1922

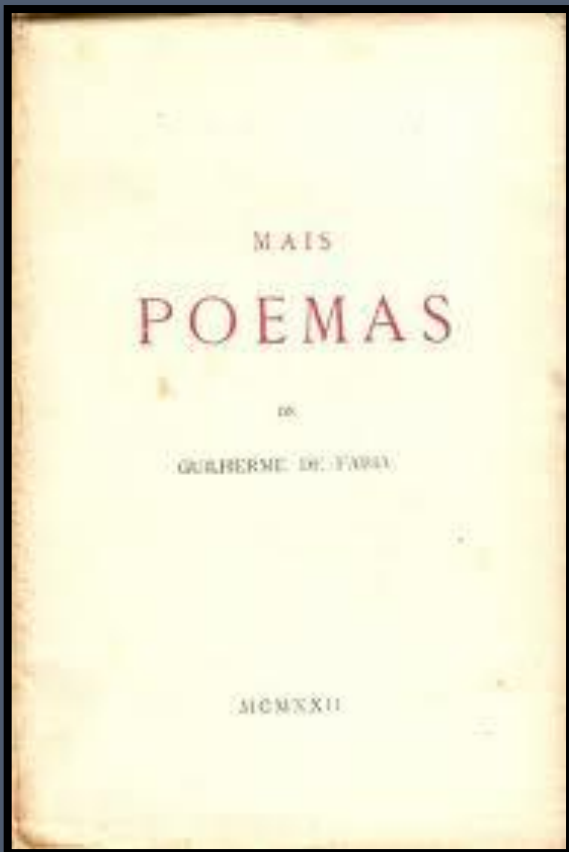
Com dedicatória autógrafa a ALV:

**Ao altíssimo Poeta
Affonso Lopes Vieira,
off., com tanto apreço e
tanto respeito,
Guilherme Leite de Faria**

13. Maio.XXII

**Dia 13. do mês V. (1922)
Horta Secca, D^o. 11 Lx^a.**





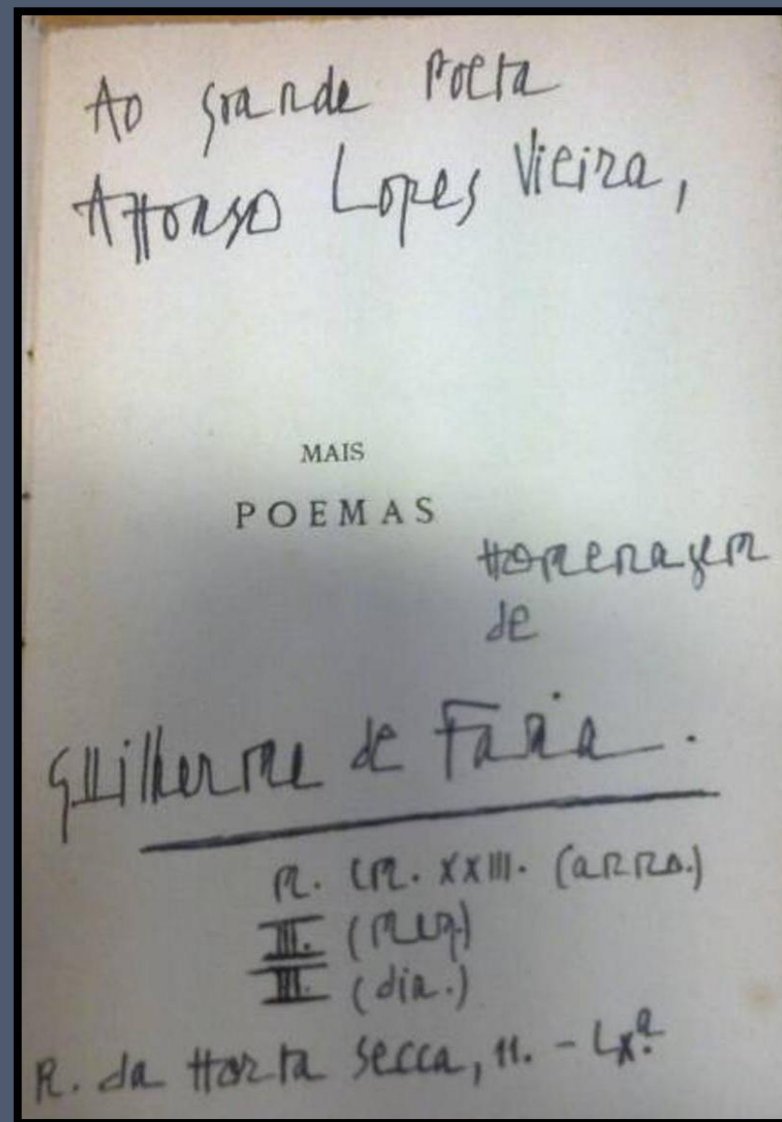
D-2-1-2
MAIS POEMAS,
Novembro de 1922

Com dedicatória
autógrafa a ALV:

Ao grande Poeta
Afonso Lopes
Vieira,

Homenagem de
Guilherme de Faria

M.LM.XXIII (ano)
III. (mez)
III. (dia)
Rua da Horta Secca,
11. – Lx^a.



O romance de Amadis

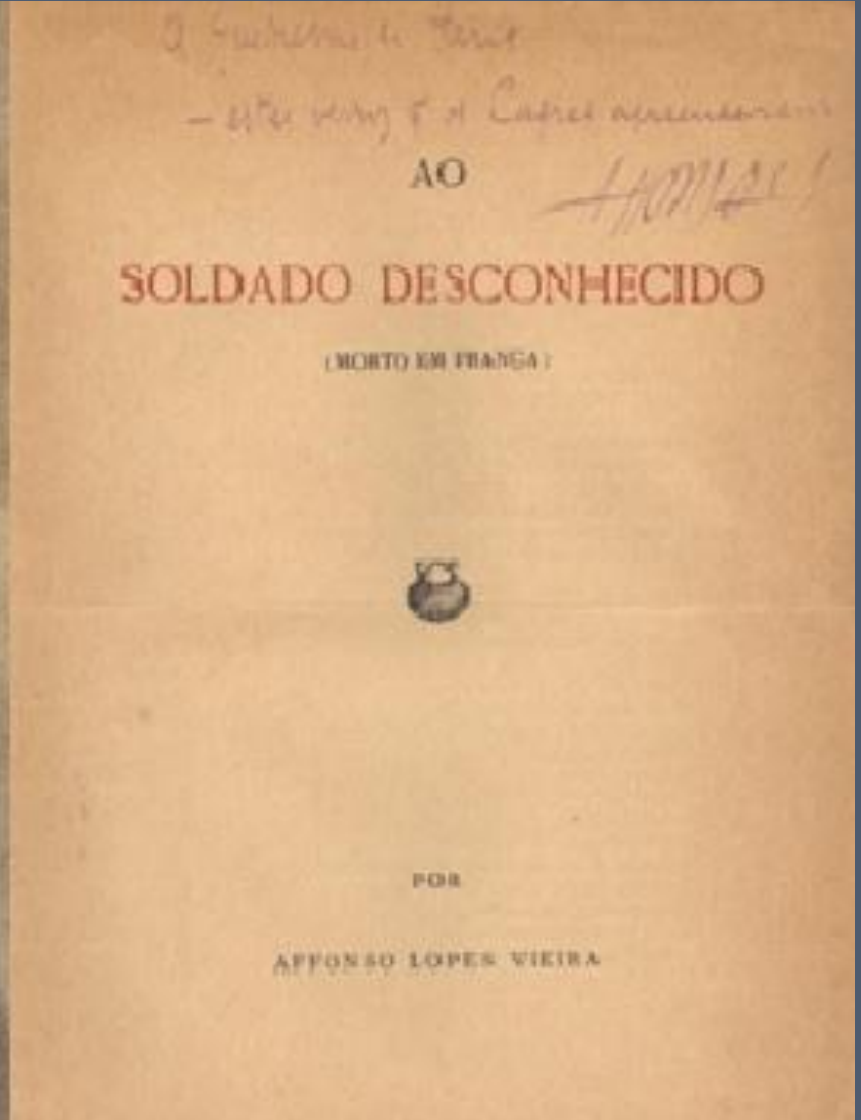


composto sobre o Amadis de Gaula
de Lobeira por Afonso Lopes Vieira



Pertence ao meu
caro camarada
Guilherme de Faria.

Afonso L.

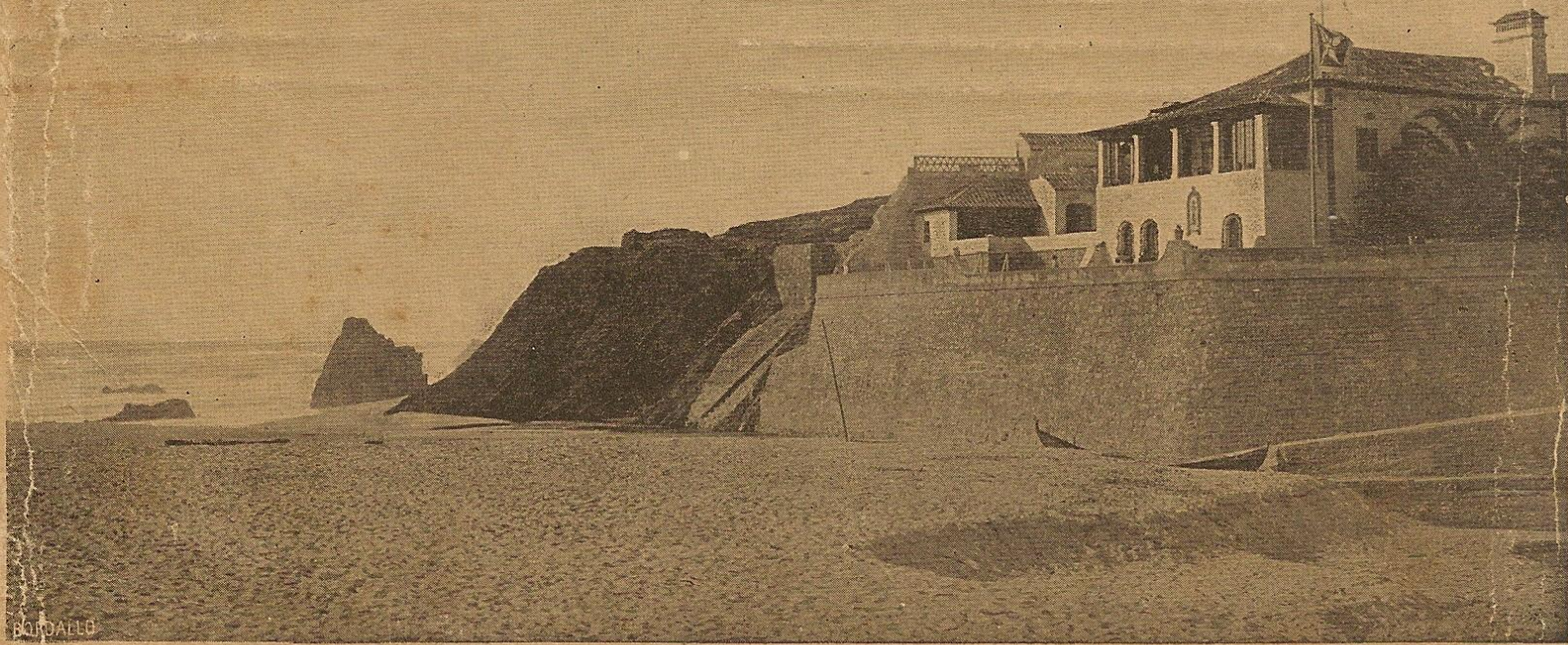


A Guilherme de Faria / - estes versos q. os Cafres apreenderam /

Affonso LV

[...] Sei que à roda da minha poesia apreendida se urdiu uma lenda que me apresenta como um feroz anti-intervencionista. É tão inexacto isso que poucos portugueses poderão documentar como eu o entusiasmo de que se possuíram quando Portugal entrou na guerra. [...] Porque, meu Deus! uma cousa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu. Para desenvolver convenientemente esta frase, seria necessário escrever um volume. Para mim, que falo e sinto pelo *instinto da nação*, seria isso impossível [...] / [...] Se em Portugal é punível com prisão clamar que isto [o abandono dos mutilados da guerra] é um crime — então que eu seja de novo preso e desta vez metido no mais imundo dos calabouços, de companhia com os desgraçados que aí habitualmente se encontram e com os quais espero entender-me melhor do que com tantos outros homens que representam oficialmente esta espantosa agonia da nação. [...] (*Diário de Lisboa*, 28-IV-1921)

« J'aime la mer comme une maîtresse »
Heine



S. PEDRO DE MUEL. — « CASA DE S. PEDRO. »

UNION POSTALE
UNIVERSELLE
BILHETE POSTAL



10.9.21 1-8M

10.9.21 1-8M

Afonso Lopes

Querido amigo
Diz-me muitas
coisas interessantes.
Espero que bem depressa
se possam ir a ver
e fazer um passeio

Guilherme de Faria
R. da Horta Sêca, 1

Lisboa

Postal [14,5cm x 9cm, postal com fotografia legendada *S. Pedro de Muel* – “*Casa de S. Pedro*”, com a Cruz de Cristo; escrito a tinta roxa, no sentido horizontal, frente e verso], **datado com carimbo do correio de 16.VIII.1923**, de “Lisboa-Central”, destinatário explícito: Exm^o Senhor | Guilherme de Faria | Rua da Horta Sêca, 11 | Lisboa.

Por cima da fotografia na frente do postal encontra-se manuscrito, autógrafo de ALV:

J'aime la mer comme une maîtresse
Heine

Meu Caro Amigo:

Estimei muito as suas boas notícias.

Mando-lhe lembranças afectuosas e creia-me sempre – um seu amigo e admirador,

AfonsoLV

A Affonso Lopes Vieira,
Homenagem
de
Guilherme de Faria.

1926.

SAUDADE MINHA

D-1-3-53

SAUDADE MINHA,

Maio de 1926

SAUDADE MINHA

(poesias escolhidas),

1929

Com dedicatória
autógrafa a ALV:

**A Affonso Lopes
Vieira,**

**Homenagem
de**

Guilherme de Faria.

GUILHERME DE FARIA

SAUDADE MINHA

(poesias escolhidas)



LISBOA
MCM XXIX

1926.

Homenagem de
Guilherme de Faria.
Lx.^a 13 de Março de 1927.

D-15-5-72

DESTINO, janeiro 1927

Com dedicatória autógrafa a ALV:

**Homenagem de
Guilherme de Faria.**

Lx.^a 13 de Março de 1927.

A Afonso Lopes Vieira,
Homenagem
de Faria.
Guilherme de Faria.
1927.
MANHÃ DE NEVOEIRO

D-2-3-32

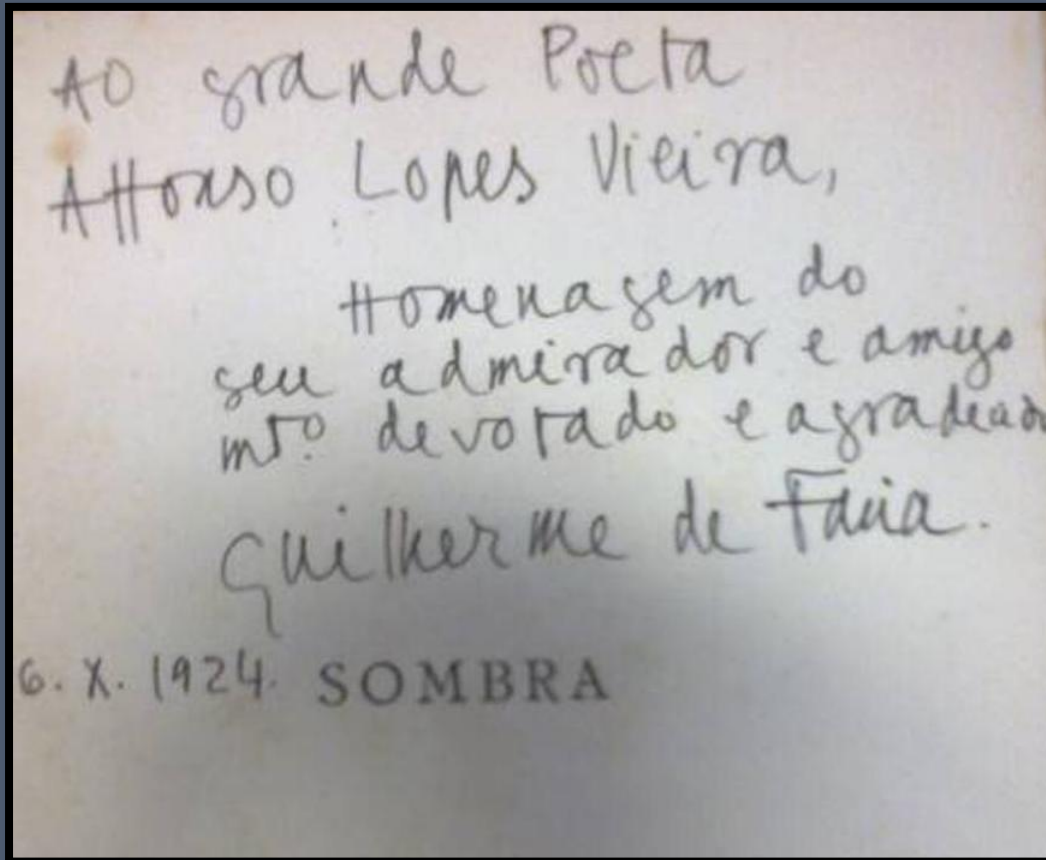
MANHÃ de NEVOEIRO, dezembro
1927

Com dedicatória autógrafa a ALV:

**A Afonso Lopes Vieira,
Homenagem
de
Guilherme de Faria.**

1927.

Criação mútua e inéditos



D-7-5-38

SOMBRA , Agosto de 1924

Com dedicatória autógrafa a
ALV:

**Ao grande Poeta
Affonso Lopes Vieira,**

**Homenagem do
seu admirador e amigo
mtº devotado e agradecido
Guilherme de Faria.**

6.X.1924.



Sombras

Mais alvos do que as espumas
ao luar, no marinho alvar,
por um Mondego de brumas
rogam as montes d'amor.

Tombam do céu violetas,
a tardinha exala um beijo,
e vão seguindo o cortejo
namorados e poetas.

É aquela dou passagem
que faz chorar a tardinha,
os velhos campos da margem
entram a ladinha...

Afonso Lopes Vieira



Ao meu caro camarada
Guilherme de Faria

Autógrafo [27,2cm x 21cm, folha com carimbo roxo do *ex-libris* do poeta, centrado no verso dobrado da folha em forma de envelope, endereçado no verso “Ao meu caro camarada Guilherme de Faria”, e com 3 quadras na parte da frente, centradas, sem datação e sem carimbo de correio; escrito a tinta roxa, no sentido horizontal, frente e verso], **não datado, com poema autógrafo inédito *Sombras***, ladeado por carimbo roxo no canto superior esquerdo do *ex-libris* de Afonso Lopes Vieira

Sombras

Mais alvas do q. as espumas
ao luar, no marinho alvor
por um Mondego de brumas
vogam as mortas de amor.

Tombam do céu violetas,
a tardinha exala um beijo,
e vão seguindo o cortejo
namorados e poetas.

E àquela doce passagem
que faz chorar a tardinha,
os velhos choupos da margem
entoam a ladainha...

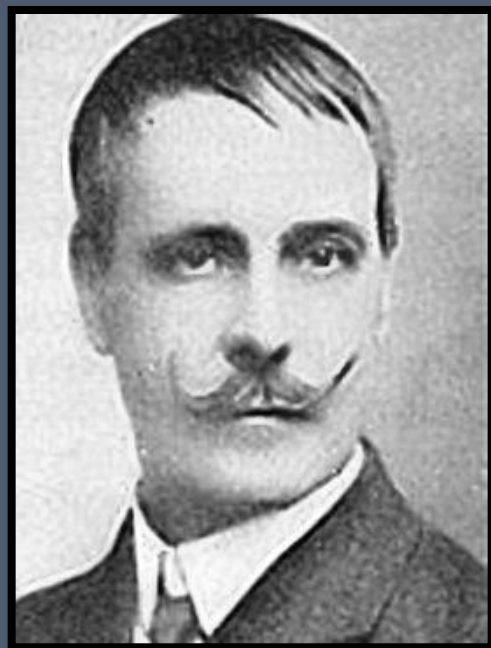
Afonso Lopes Vieira

SOMBRA

QUERO viver! – E a vida vai passando
Sem eu a ver passar,
Entre sombras nocturnas ondulando,
Errantes pelo ar.

Num mar de decepções, na vida, se dissolvem
Os sonhos do desejo.
E, para além das sombras que me envolvem,
Apenas entrevejo,

Uma vida de sonho e de victoria,
Luminosa e divina,
Que inda, através as ruínas da memória,
Me atrai e me fascina! [...]
(*Sombra* 1924: 9-13)



Ao Comandante Henrique de Paiva Couceiro

O preço da tua glória
 Nem eu sei quem possa erguê-lo:
 Resista por toda a História,
 Claro e belo.

Na apazada e vil histese
 Que as nossas almas consome,
 Ainda a graça da Saudade
 - Pura graça portuguesa -
 Acende vivos clarões:
 Que a fé, de antiga pureza,
 Flor de Heroísmo e Lealdade,
 Brilha em tua alma; e o teu nome
 Entre as Armas e os Barões!

Nobre e fiel cavaleiro
 De Deus, da Pátria e do Rei,
 Louva-te a alma da grey:
 Que, além do seu captivoiro,
 Dos seus reveses e horrores,
 Entre a glória dos Maiores,
 Fulge a glória de Couceiro!

Guilherme de Faria
 18.VII.1928.

Env. A-91

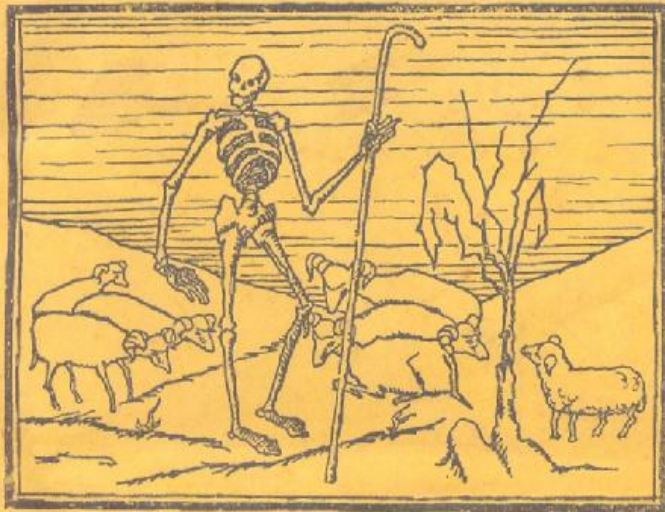
Ao Comandante Henrique de Paiva Couceiro

O pregão da tua glória
Nem eu sei quem possa erguê-lo:
Ressôa por toda a História,
Claro e belo.

Na apagada e vil tristeza
Que as nossas almas consome,
Ainda a graça da Saudade
- Pura graça portuguesa –
Acende vivos clarões:
Que a Fé, de antiga pureza,
Flor de Heroísmo e Lealdade,
Brilha em tua alma; e o teu nome
Entre as Armas e os Barões!

Nobre e fiel cavaleiro
De Deus, da Pátria e do Rei,
Louva-te a alma da grey:
Que, além do seu captiveiro,
Dos seus revezes e horrores,
Entre a glória dos Maiores,
Fulge a glória de Couceiro!

Guilherme de Faria.
Lx^a. 18.VII.1928.



Éclogas de agora

POR

Afonso Lopes Vieira

EDITOR

O AUTOR

Com as *Éclogas de Agora* (1935), verdadeiro manifesto poético em tempo de exílio, embora continuando dentro de uma linha de :

"um certo aristocratismo intelectual, de um panteísmo cristão, de um democratismo intransigente e de um tudo ou nada lusitanismo rácico que herdará de António Nobre, de Alberto de Oliveira, da *Renascença Portuguesa*, etc." (Barreira 1986: 7)

Lopes Vieira assume perante a opinião pública a condição de perseguido político, defendendo intransigentemente a liberdade de imprensa e os direitos do Homem.

Curioso e emblemático desta posição de *perseguido político* é o episódio vivido pelo escritor e outros nomes conhecidos da época (entre os quais **José Correia Mendonça, Duarte de Almeida, D. João de Almeida, Visconde do Porto da Cruz, Hipólito Raposo**), presos de **16 para 17 de novembro de 1937**.

No ANTT, nos arquivos da **PIDE/DGS, no processo SPS—3252 / 1937**, pode ler-se que Lopes Vieira foi detido em **17 de novembro**, juntamente com Caetano Beirão e só foi solto em **24**.

Esta detenção de 8 dias para averiguações aparece assim justificada: "[...] por ordem superior, [...] nesta esquadra, **por pretenderem visitar o preso Henrique Paiva Couceiro.**"

Não é, pois, de estranhar a veneração que a figura de Paiva Couceiro (1861-1944) havia de despertar num grupo de nacionalistas em litígio com a política de perseguições do Estado Novo, mas que já vinham dos dissidentes da república em relação com os monárquicos.

In ORDEM NOVA (revista anti-moderna, anti-Liberal, anti-democrática, anti-bolchevista e anti-burguesa), n.º 8, out.1926

SANTO ANTONIO

Dos olivais de Coimbra, onde móra e persiste
a esparsa melancolia
do coração de Portugal,
por mandado do Sonho Heroico, tu partiste,
—ó Amadis da ideal Cavalaria
de que a Alma é o Santo Graal.

Partiste, e com teu Verbo encheste a Itália e a Terra!
Foste a Bôca inspirada,
Foste o Mago orador,
—clarim do céu vibrando à guerra
pela vitòria da alma libertada
pela Graça do mar!

Foste o Bruxo de Deus, o jogral de Jesus
arrastando após si multidões extasiadas
por teu feiticeiro falar;
tua Palavra foi um feitiço de luz,
e saíndo das ondas nacaradas
escutaram-te os peixes do mar!

Entanto, p'ra te amar e te poder sentir
a ti, Teólogo e Sábio,
o povo fez florir
um sorriso gaiato no teu labio;
e imaginou-te à tardinha

junto às fontes que cantavam,
fazendo alegres milagres
nas bilhas que se quebravam...

Na Basilica, em Pádua, é que eu senti um dia
como a tua alma, ó Santo, revivia
na penumbra do templo e na aflição do mundo:
vi os aflitos, vi os desgraçados,
os cansados dos caminhos vãos,
virem, com um "pedido" íntimo e profundo
pôrem no teu sepulcro ansiadas mãos...

Então, na comoção da saúdade natai
da nossa terra bem-amada e ausente,
puz aí também a minha mão tremente
pensando em Portugal...

E hoje, na hora dolorosa
do luto e da incerteza,
exoro, ó Santo, a tua alma ardente e ansiosa
e a tua Raça portuguesa,
para que lá no céu, onde a suave e forte
Palavra tua esplende entre as estrelas,
Intercedas por nós contra o Monstro do Norte,
que as tuas pátrias ameaça e a glória antiga delas!

E que o teu Verbo divino
renasça fulgido por nós,
esplendendo no milagre da tua voz.
a glória do *gentil sangue latino!*

Junho de '918

Afonso Lopes Vieira.

Env. B-159 | FLORILÉGIO ANTONIANO

Ó santo, que és dos maiores
De Deus na graça eternal,
Cobre de bênçãos e flores
A terra de Portugal!

.....
Ó Santo, que a luz dos céus
Doire as almas portuguesas
Que, em sonhos maus e em tristezas,
Andam perdidas de Deus!

Que a luz de amor que trespassa
As almas dos pecadores
Para as subir, redivivas,
Ao esplendor da eterna graça,
Desça, em mil bênçãos e em flores
De formosura imortal,
Às nossas almas cativas
Na Terra de Portugal!

GUILHERME DE FARIA, *Oração a Santo António de Lisboa* – LX., 1926

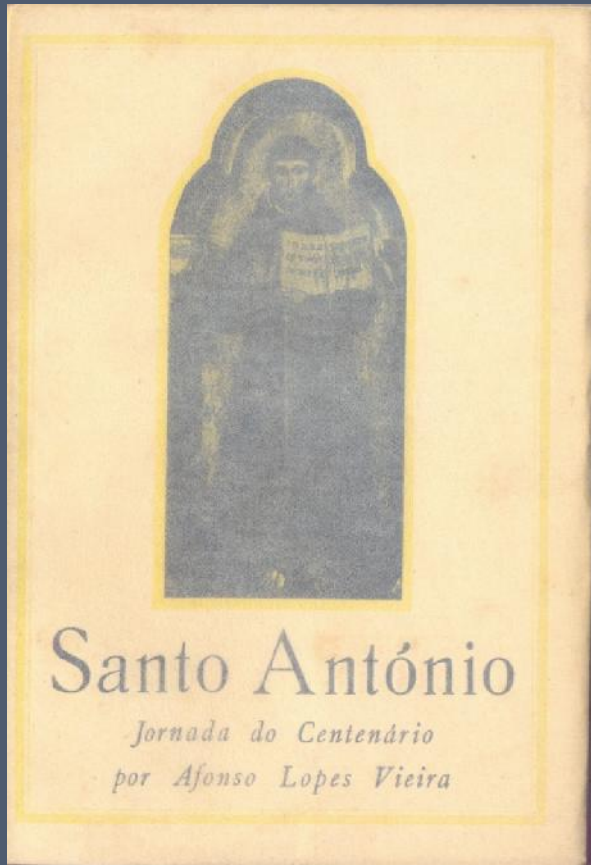
Religiosidade mútua e Stº António

Estas aproximações à **temática religiosa**, mostram-nos como seria natural que *SANTO ANTÓNIO (JORNADA DO CENTENÁRIO)*, 1932, se encontrasse já em projeto há pelo menos uma década, uma vez que num postal para Carolina Michaelis de Vasconcelos, de 31 de janeiro de 1923, comenta:

"[...] Para me isolar misticamente no trabalho, agora q. me falta o Amadis, vou começar a trabalhar (a preparar-me) numa Vida de Santo Antonio — o Amadis ao divino. [...]". [BGUC, esp. CMV / II vol.: 28]

De certo modo a missão continua a ser a de idêntico cavalheirismo quase quixotesco, que procura devolver a Portugal o seu lugar no mundo religioso, sobretudo quando se encontra espalhado pelo mundo, neste caso a Itália, onde Stº António terá vivido grande parte da sua vida.

Lopes Vieira será o correspondente do *Diário de Notícias* na viagem de romeiro que refez o caminho do Santo em Itália, colmatando nas crónicas reunidas depois na *Santo António . Jornada do Centenário* (1932)



O sr. dr. Afonso Lopes Vieira, nosso amigo, e que nesta casa conta admiradores sinceros insuspeitos, disse-nos:

– Não sei, em verdade, se o Estado português mediu já toda a responsabilidade “nacional” que nos cabe no próximo centenário de Santo António – responsabilidade que assumimos perante o mundo e em especial perante a Itália.

(in *Diário de Lisboa* [in R II, f. 81v.])